

DISCURSO DE POSSE(*)

Argos Vasconcelos

É por demais majestosa esta solenidade que aqui nos congrega. É a Festa da Cultura onde irmãos se estreitam e entrelaçam pensamentos na saudação a um novo Acadêmico. Nesta nímia reunião fomos saudados pelas palavras fluentes e ricas em citações vocabulares do Imortal Manuel Eduardo Pinheiro Campos, as quais mescladas de expressões lisongeiros a nossa pessoa e ao nosso acervo histórico-literário nos leva a render-lhe todo um cortejo de reconhecimento e de agradecimento. Sua fala teve o condão de acender os castiçais do vestíbulo e descerrar o reposteiro, a fim de que fôssemos introduzidos no palco da imortalidade deste Sodalício. A honraria é inexcelsável. É a Academia Cearense de Letras — a Casa de Thomaz Pompeu — veneranda em sua prodigiosa existência o relicário das figuras mais ilustradas e mais respeitáveis de nossa intelectualidade, o púlpito sagrado da inteligência cearense em cujos cumes iluminados jamais deixaram de brilhar os lampejos dos poetas e prosadores, dos sociólogos, dos folcloristas e dos filósofos da Terra da Luz!

Honra-nos, sobremodo, ocuparmos nesta Casa de Cultura a Ca-deira que tem como patrono Thomaz Pompeu de Souza Brasil. Homem da mais acrisolada cultural geral é, sem dúvida, o fundador da Academia Cearense de Letras personagem que abrange por inteiro o círculo dos conhecimentos humanos, cujo espírito viaja por todos os ramos do saber, reunindo em si elementos bastantes para se constituírem em exemplos dos mais raros de verdadeira ilustração enciclopédica. Evocando Farias Brito, repetiremos "se há entre nós homens que merecem a veneração dos contemporâneos por atos de abnegação e de patriotismo, por constante esforço em bem da coletividade e mais particularmente por sua decidida vocação pelas Letras e perseverante aplicação ao desenvolvimento da ciência, entre estes ocupa o Dr. Thomaz Pompeu lugar eminente".

"Lições de geografia", "Fiscalização do ensino primário, do comércio e da indústria no Ceará", "Memória sobre o plantio da maniçoba", "Irrigação no Ceará", "História política do Ceará" algumas obras de sua autoria, estão a refletir uma inteligência das mais fecundas ao lado de inigualável fascínio pessoal, o que o levou não apenas aos píncaros da glória literária, como também o fez ascender aos mais

honrosos cargos na política de nosso Estado.

Eminentes Homens de Letras do Ceará deixaram para os pósteros impressões as mais enaltecedoras à figura de nosso perfilado. Valdemar Falcão afirmou ser “Thomaz Pompeu um Mestre extraordinário que não se limitava a ensinar, mas esforçava-se por influir na formação de bons hábitos intelectuais e morais”. Já Cruz Filho dele externou a impressão incondicional de “uma figura ereta e nobre, que conduzia em si a cultura de seu século, deixando para todos nós duradoura imagem”. Encerraremos o nosso périplo em torno dessa figura admirável com a palavra indefectível de Menezes Pimentel que afirmou ser “Thomaz Pompeu, indubitavelmente, uma das mais indiscutíveis personalidades de valor moral e intelectual que tem possuído o Ceará. Como Mestre nenhum o excedeu em erudição, saber jurídico e pontualidade no cumprimento do dever!”.

Neste Sodalício ocuparemos a Cadeira nº 35 e estamos a suceder a escritora Cândida Maria Santiago Galeno. Nasceu nossa perfilada na cidade de Russas, tendo estudado no Colégio Santa Tereza, do Crato e no Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza, onde se diplomou como professora. Mais cultuando o espírito fez os cursos de Técnica de Educação no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério de Educação, no Rio de Janeiro e de Assistente Social no Instituto Social de Fortaleza. Neta de Juvenal Galeno — o pioneiro do “folclore” no Nordeste — e sobrinha de Henriqueta Galeno, a fundadora do Salão Juvenal Galeno, onde se reuniam os Homens de Letras e os artistas de renome para o culto fraterno das Musas, da Oratória e da Música na então pacata e pronvincial Fortaleza dos anos 20, Nenzinha Galeno trazia no sangue os gens da Cultura, mercê de uma inteligência superiormente privilegiada.

Tendo marcado sua vida no universo das letras, Nezinha Galeño, nos dizeres da escritora e poetiza Orildes Sales Freitas, foi “um continente de cultura iluminado pelos valorosos nomes de seus familiares vivendo intensamente para o engrandecimento das letras cearenses. Suas determinações foram símbolos de diretrizes corretas, em continuidade à obra deixada pelo avô Juvenal Galeno, o poeta maior, o Bèranger Brasileiro”! Já Ribeiro Ramos, Imortal desta Academia de Letras, afirmou ser Nenzinha a “mulher extraordinária e dinâmica, inteligente e culta, que sabia prender e cultivar as grandes amizades, cultuando-as pela fidalguia do trato e pelo brilho de seu talento”.

Assumindo em 1964, com a morte de Henriqueta Galeno, a direção da então Casa de Juvenal Galeno, inúmeras distinções passariam a exaltar o seu nome: membro da Comissão Cearense de Folclore, associada da União Brasileira de Trovadores, da Associação Cearense de Imprensa, da Associação de Jornalistas e Escritores Brasileiros, da Associação Brasileira de Assistentes Sociais, da Academia Cristã Feminina e da Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Sul, são títulos que bem caracterizam a marcante atividade cultural da escritora por nós elogiada. Em sua bagagem literária, onde resplandecia a cultura polimorfa, destacam-se os livros "Naípe", "Trevó de Quatro Folhas", "Mulheres do Brasil", "Quinteto em ritmo de crônicas", "Ritos fúnebre do interior cearense", além de inúmeros outros artigos para o Jornal Cetama (de Barbalha) e o Nordeste (de Fortaleza), sob o pseudônimo de Branca de Castela, nos quais, nos dizeres de Cruz Filho "a sua prosa, que se distingue pela beleza de forma e delicadeza em que é vasada, excede pelo brilho e fluência de estilo, sempre muito pessoal e elegante, através do qual se revê ágil escritora dotada de brilhantes dons artísticos e literários".

Diante de tão consistente obra o galardão maior viria para Nenzinha Galeno em 1964, ao ser acolhida, com todo o merecimento, para a Academia Cearense de Letras. Durante mais de duas décadas ela empolgou a todos com o brilho contagiante de sua inteligência. A falecer, "levando a saudade como brilhante luz à presença de Jesus" ela nos deixou uma obra imperecível... e em Cadeira vazia. Cadeira que hoje, com muita responsabilidade, estamos a ocupá-la.

Senhores Acadêmicos:

Colorido especial tem para nós esta solenidade. Embutido no polimorfismo de tão seletivo auditório fluem reflexos esmeraldinos que transcendem pela alta significação que nos imana. Composto esta miscelânea altamente qualificada que repleta este plenário encontram-se dignos representantes da classe médica cearense, os quais estão a trazer para o Acadêmico que os empossa, no brilho de suas respeitáveis figuras, a amizade e a estima arraigados ao longo de anos no convívio respeitoso e ético da prática médica. Foi na medicina, Senhores, em contacto diuturno com os doentes, sentindo suas dores e vivenciando suas angústias, que moldamos nossas personalidades. Ao longo de mais de 4 décadas por entre cenas de intensa permanência médica no cumprimento do sagrado juramento "Sedare doloem opus Divinus est" fomos induzidos a profundas reflexões, condicionando-nos denodadamente a firmar no espírito a fé em Deus,

na ciência e em nós mesmos para que nunca duvidássemos da cura dos enfermos, pois “incuráveis não existem para os que creem em Deus que é capaz de tudo, como bem ficou demonstrado diante do túmulo de Lázaro ressuscitado!”

Na antiga Assistência Municipal de Fortaleza, no Hospital Geral do INAMPS e na Santa Casa de Misericórdia, ao longo dos anos de atividades hipocráticas procuramos conservar e mais cristalizar de maneira indiscutível e incondicional a crença nos valores éticos e nas normas cristãs, a fim de que nunca enveredássemos por caminhos escusos denegridores do sacerdócio da Medicina. No silêncio das noites hospitalares mais procurávamos firmar com decisão a humildade de coração para que jamais esquecéssemos que tudo o que sabíamos era devido aos Mestres e também cultivar a inefável virtude da gratidão para aqueles que nos fizeram Médico!

Envoltos em tão significativos pensamentos retemperávamos para lutar por todos os meios e recursos no sentido de que valores ditados pelo espírito sempre prevalecessem sobre as cousas materiais, sem esquecer o compromisso moral e quase sagrado que assumimos de preservar a vida de nosso semelhante e de respeitar incondicionalmente a dignidade humana!

Fomes graduados em Medicina em dezembro de 1951, pelas mãos do Reitor Joaquim Amazonas, na Universidade do Recife. Conscientizados dos nobilitantes deveres que a Ciência de Hipócrates exigia, sentimos a aproximação avassaladora de uma época pontilhada de revolucionárias conceituações científicas que poderiam comprometer a própria pessoa que habita no médico. E isto aconteceu. A Medicina contemporânea vive momentos de sobressalto e expectativa a atordoar todos nós com os impressionantes progressos da tecnologia. Cirurgia microscópica, transplante de órgãos, radiografia computadorizada, fecundação “in vitro” e cosmetologia cirúrgica são facetas desafiadoras e terrivelmente confusas que estão a abrir veredas sombrias e duvidosas na salutar prática médica.

Uma inquietude atormenta os profissionais ao sentirmos que a técnica está a se distanciar da ética, notadamente com o florescer de conceituações novas sobre o aborto, a eutanásia e a gestação artificial, acrescidas pela indiferença aos valores humanos parecendo que a todos nos assoberbará. Foi dentro dessa parafernália, onde as Instituições estão a transformar o doente em um número de Prontuário, ou quando muito num diagnóstico — como se pudéssemos identificar um ser humano tão-somente pelo mal de que ele é portador, des-

conhecendo nome, ânsias e ilusões — nos voltamos para o Eclesiástico, cap. 38, que reza ser o “médico criado pelo Altíssimo e por sua ciência lhe é permitido andar de frente erguida”!

Verdadeiramente, Senhores, com muita consciência temos procurado proceder com humildade na vida médica, mas sempre com a frente erguida no afã de oferecer uma parcela de contributo para que jamais a humanidade venha a naufragar no inconseqüente vendaval da insensibilidade e da indiferença. Assim, temos procurado proceder não apenas nos momentos de festejada exaltação, como ao recebermos o honroso título de “Professor Honoris Causa” em cirurgia, outorgado pelo Colégio Brasileiro de Cirurgiões, como também no desempenho do árduo e sofrido cargo de médico da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza onde trabalhamos há 38 anos! Dentro destes pólos de referência muito temos porfiado por não deslustrar o conceito de Médico tão desgastado, tão vilipendiado nos dias atuais. Tem sido esta a nossa preocupação extrema, preocupação vigilante e incondicional, a qual foi refletida com determinação em nossa fala aos médicos recém-formados que se especializavam em Ginecologia e Obstetrícia no Hospital Geral do INAMPS: “E agora, exclamamos aos jovens colegas numa indagação dramática e quase patética, agora, nesta undécima hora, quando amanhã já estareis na “roda-viva” da medicina a viver as expectativas dos que pensam com elevação no desempenho de vossas atividades, o que vos poderei dizer? O que vos mencionarei para preencher esta última madrugada de pensamentos que antecederá ao dia por vós acalentado durante anos pelos bancos da Faculdade e pelas enfermarias dos Hospitais? O que poderemos aconselhar como síntese de 4 décadas vividas em contacto com doentes, sofrendo alternativas médico-sociais pelos seculares corredores da Santa casa, assistindo e vivendo a uma incontrollável imposição de conceitos e de condutas terapêuticas ditadas pelos inexoráveis avanços da tecnologia?”

Foi em meio deste emaranhado que surgiu no médico a pesquisa no terreno da História Militar, como que uma alternativa paralela de atividade do espírito. Talvez a figura admirável de Hermenegildo Firmeza — Professor de História da Civilização do antigo Liceu do Ceará nos anos 39/40 — a quem reverenciamos nesta oportunidade, tenha plantado em nós a semente de tão fascinante setor da História Universal. Empolgados em nossa mente juvenil pela dramaticidade dos guilhotinamentos acontecidos na França durante o período revolucionário de 1793, e relatados com impressionante nitidez pelo Velho

Mestre, fomos como que “tocados” pelo vírus da História e passamos a revolver inconseqüentemente a poeira do passado na busca das facetas memoráveis que pontuam as páginas militares de todas as Nações. Fascinados pelo “mundo novo” descoberto, ao percorrermos uma Europa convulsionada onde cabeças coroadas rolavam sob o impacto da lâmina da guilhotina tingindo de sangue as páginas da História, nos deparamos com a figura singular de Napoleão Bonaparte — personagem que preencheu o sécuo XIX e que nos dizeres de Goethe “a luz que ilumina o meu espírito não se apagou um só instante, daí porque o seu destino teve o esplendor que o mundo nunca vira antes dele e talvez não mais veja depois dele”!

Mas, foi o discutido polemista florentino Giovanni Papinni que em nós fez cristalizar um estudo mais determinado sobre a Era Napoleônica. Em dia de rara inspiração criativa o escritor italiano deixou para os pósteros, em visão fictícia eivada de passagens impressionantes, o julgamento do Imperador francês perante a Corte Celestial. E neste Sacrossanto Tribunal a pena pragmática de Papinni fez com que o Anjo inquiridor vergastasse a face do Herói de Austerlitz com um libelo irônico, cáustico e dizimador: “Tu foste o maior capitão de exércitos de teu tempo! Muitos viram em ti um outro e maior Alexandre. Mas, após haveres posto em movimento e em luta, e em sujeição, tantos povos, após haveres sacrificado tantas vidas, inspirado inúmeros amores, furores e terrores, de tua turbinosa passagem sobre a Terra não ficaram somente fumeiros de derrotas e fumosidades de orgulho”! Estarrecido ante a acusação do Anjo, atingido em seu orgulho e sentindo deturpada sua imagem erigida às custas não apenas de 80 batalhas em que fora vitorioso, mas também resultante de monumentos históricos indestrutíveis como a Concordata, o Código Napoleônico, a Legião de Honra, a reconstrução política e social da França e mais do que tudo isto a difusão por ele consentida dos ideais da Revolução francesa pela Europa conquistada, fazendo abalar decididamente o absolutismo dos Romanoffs na Rússia, dos Habsbours na Áustria, dos Hohenzolerns na Prússia, dos Braganças em Portugal e dos próprios Bourbons na França, o Imperador, impertigado em sua farda de coronel dos caçadores da Guarda, exclamou com voz grave e irretorquível: “Ficou uma visão de glória e uma necessidade de grandeza! As gerações vindas depois de mim não souberam e não quiseram esquecer-me! Sobre a minha vida foram escritas em todas as línguas centenas de milhares de livros. Quando um simples mortal deixa tão intenso desejo de recordação nos corações dos homens é sinal que eles se sentem seus devedores”!

Foi esta visão de glória e esta necessidade de grandeza que nos induziu a enfrentar o desafio que estava a nos rondar desde os tempos da juventude no Liceu do Ceará. E, subjugados a esta opção, ampliamos pouco a pouco os espaços por entre as páginas enevoadas do passado numa abrangência que pudéssemos buscar na dicotomização prismática da História fatos e acontecimentos militares. Dentro do cintilante amálgama de feitos heróicos e ao meio de horrível morticínio, quando a trovoadas dos canhões abrangia todo o firmamento e o negro do fumo era cortado pelos relâmpagos e pelo grito dos soldados a desenhar a própria imagem do suicídio da humanidade a jorrar sangue e a urrar de dor, compuzemos o livro “Batalhas de Napoleão” — Neste trabalho fizemos desfilar as mais importantes campanhas guerreiras do Grande Corso sobressaindo-se a tática e a estratégia empregadas superiormente pelo maior general de nossos tempos.

Ainda em igual diapasão de História Militar escrevemos “Marechais de Napoleão” e um terceiro livro intitulado “Marechais de Hitler”. Na primeira referência evidenciamos que “... o prestígio da França Imperial exigia que as diferenças fossem superadas para que seus suportes máximos — os Marechais — estivessem representados por personalidades iguais ou superiores aquelas que pontificavam em outros países da Europa. Dessa maneira, tornado o marechalato imperiosamente um acessório necessário à Coroa, requeria do Imperador a indicação dos melhores nomes da área militar, pertencessem eles a qualquer facção política. Com isto, o título tão apreciado quanto honroso de Marechal, antes destinado exclusivamente aos fidalgos de nascimento e aos nobres de estirpe, seria conferido a militares filhos do povo e oriundos da Revolução. E assim, o direito que os pequenos tinham de se tornar grandes do Estado unicamente pelo valor consagrar-se-ia definitivamente.

Já em “Marechais de Hitler”, representantes da velha e orgulhosa casta prussiana, cujas inigualáveis tradições de militarismo neles são evidenciados, encontram-se perfilados junto a militares outros sem referência de nobreza e forjados tão-somente dentro da incondicional rigidez dos princípios do Nacional-Socialismo, todos ombreados sob a suástica do nazismo e sob a férrea liderança de Adolf Hitler. Encontram-se ainda no prelo de nossas atividades, já com letras definidas e aguardando oportunidade para a projeção definitiva, “Superencouraçados e cruzadores do 3º Reich” e “Napoleão — 1.000 perguntas e respostas”, estudos que refletem facetas militares que preencheram páginas na História dos dois últimos séculos.

Esta é a síntese de nossa incursão literária. Nela procuramos expressar a glória embutida nos feitos militares. Acreditamos não ser possível falar sobre o século XIX sem mencionar Waterloo e evidenciar o crepitar das labaredas a iluminar o último Quadrado de soldados da Velha Guarda deixando entrever por entre o relâmpago dos obuses e o fumo da metralha os destroços humanos misturando ao lodo sangrante revolvido pelas patas dos cavalos e pelo ferro incandescente das granada! Foi esta épica batalha o último canto da Epopéia napoleônica onde não apenas os exércitos se digladiavam, mas as idéias se entrechocavam. Era o tradicional contra a França nova. Era a luta das leis conservadoras contra os direitos novos. Era o Antigo Regime contra a Revolução. Talvez por isto, por encarnar os ideais novos, o Imperador francês mesmo ao baquear assumiu proporções de gigante! E é por isto que na história de Waterloo mais do que os vencedores Wellington e Blucher avulta, gloriosamente, o vencido Napoleão.

Nesta perambulação pelas páginas do passado nos deparamos com tão gloriosos feitos militares pontilhados de grandeza béliza e magnificamente orquestrados pelos dramáticos acordes musicais ecoados das partituras da "3ª Sinfonia — a Eróica" — do genial compositor alemão Ludwig van Beethoven, como também da portentosa "Aber-tura solene — 1812, Opus 49" do não menos famoso músico russo Pyotr Ilych Tschikowsky, nos quais os sons dos violinos, dos trompetes e dos metais misturam-se harmoniosamente com as fanfarras dos granadeiros e com o ribombar dos canhões em verdadeira exaltação da glória militar!

Senhoras e Senhores:

Evocaremos um fato histórico para bem dimensionar o final de nossa fala. Em momento de grandiosidade, Napoleão 1º ao coroar-se Imperador sussurrou aos meus irmãos: "Ah! Se nosso pai nos visse"! Referia-se o Grande Corso a infância atormentada que ele e seus 7 irmãos tiveram na Ilha de Córsega, infância perseguida por dificuldades financeiras e cujo pai — Carlos Maria Buonaparte — falecido prematuramente, não estava a presenciar naquela instante a conquista da glória por seu ilustre filho. Parodiando o Grande Imperador, neste momento de inexcédível importância para nós, permitam-me Senhores Acadêmicos, que eu sussurre para meus irmãos aqui presentes: "Nosso pai está a nos ver"! Tendo iniciado, décadas atrás, uma caminhada das mais áridas e incertas e pontilhada de contínuas dificuldades, ele deixou o obscuro povoado de Antans, muito adiante de Sobral onde residia e numa decisão corajosa mudou-se para Fortaleza com a disposição de arrancar seus filhos (que somariam a 10)

de uma horizontalidade comprometedora que fatalmente nos aguardava nos confins dos sertões cearenses. Parcco em recursos financeiros, mas impregnado por uma idéia-força visionária consubstanciada na valorização da inteligência, passou ele a nos oferecer oportunidades excelsas para que nos ilustrássemos e com isto pudéssemos no amanhã — e hoje, sem dúvida, é um desses amanhãs — almejar posições definidas no concerto sócio-comunitário.

Diante dessa pertinácia ele fez brilhar aos nossos olhos atônitos, numa visão kaleidoscópica que nos fascinava, as faíscas mais iridescentes das ametistas e dos rubis, das esmeraldas, das turmalinas e dos topázios, em nós despertando uma incontida cobiça em procurar arrebatado para nossas mãos tão excelsos valores de cultura! E isto, Senhores, foi sobejamente conseguido! Permitam-me a imodéstia: arduamente conquistado, hoje ornamenta nosso Currículos um donairoso colar com 10 pedras das mais preciosas e das mais luzidias a refletir em nós a sublime obsessão que um Homem sem Letras tinha no valor das próprias Letras! É para ele que transferimos toda esta honraria.

Senhores:

O nosso planeta Terra, gigantesca nave espacial, trafega em velocíssima rota através da noite sem fim do universo. Dentro desta nave somos 4 bilhões de passageiros que no ano 2.000 se transformarão em 7 bilhões e que possuem como nunca o poder de decisão para onde seremos conduzidos. Nesta viagem pela escuridão cósmica estamos a iniciar a caminhada para o 3º milênio. O mundo, povoado de esperança e de temores, tem sua perspectiva ditada pela era da tecnologia. Isto nos assoberba por inteiro. Realizações sem precedentes são por nós testemunhadas, ao mesmo tempo que somos convocados para resolver problemas também sem precedentes. O homem, visto de sua perspectiva histórica, tem um currículo triunfante. Apesar do fantasma da destruição nuclear que paira nos horizontes, não há motivo para desespero. Se gigantescos são nossos problemas, maiores são os recursos de que nossas inteligências dispõem. E a inteligência será o apanágio decisivo para que no 3º milênio as catástrofes provocadas pelo desequilíbrio das forças da Natureza sejam neutralizadas por receitas orginais que devolverão ao mundo o caráter humano que lhe fora roubado pela técnica. E estas receitas orginais, insistimos, emanarão da inteligência dos homens.

A Academia Cearense de Letras é uma Casa onde se cultua a inteligência. Hoje, de roupagem nova nos revestimos, de novas idéias nos intuímos e de renovadas esperanças nos animamos. Seremos centenária nos próximos anos. É centenários serão nossos propósitos

na busca de conseguir pela cultura dos homens um planeta Terra mais humano onde haja, verdadeiramente, Glória a Deus nas Alturas e pa na Terra aos Homens de voa vontade!

(*) Palavras proferidas por Argos Vasconcelos ao empossar-se na Cadeira nº 35 da Academia Cearense de Letras, em data de 25 de janeiro de 1990. Estraviou-se o discurso de saudação, da autoria de Eduardo Campos.